

Comunicação e educação no debate antirracista: relato de experiência sobre a retomada do projeto de extensão “Luz Negra” na pandemia¹

Samanta Rocha LIMA²
Rostand de Albuquerque MELO³
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência da execução do projeto de extensão “Luz Negra” nos anos de 2021 e 2022, no contexto da pandemia. A iniciativa surgiu inicialmente com o objetivo de promover oficinas de fotografia em escolas públicas para promover o debate sobre o enfrentamento do racismo. Devido à suspensão das atividades presenciais devido ao isolamento social imposto pelas medidas de prevenção da covid-19, o projeto foi redimensionado, passando a focar na produção de conteúdo antirracista para as mídias sociais. Os resultados destacam a necessidade de construção de espaços de produção jornalística que promovam o debate sobre o racismo.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação antirracista; educomunicação; fotografia; protagonismo juvenil; cidadania.

INTRODUÇÃO

Desenvolvido na Universidade Estadual da Paraíba, o projeto de extensão “Luz Negra” se dispõe à criação de conteúdo antirracista para as mídias sociais e promove oficinas de fotografia com foco na valorização da cultura afro-brasileira em escolas da rede municipal de Campina Grande. Ativo desde 2018, o projeto que antes visava exclusivamente levantar o debate lúdico em sala de aula sobre questões étnico-raciais acabou passando por uma reformulação após o hiato em 2020, gerado pela pandemia. O projeto foi reformulado, a fim de se encaixar no novo contexto e continuar atuando de forma remota. Tornando-se assim, um projeto mais abrangente em se tratando de disseminar informações e o trabalho comprometido com o jornalismo antirracista. A ideia atual do projeto consiste em criar, manter e desenvolver perfis em plataformas de mídias sociais com foco na difusão de informações antirracistas e na construção de um ambiente dialógico e colaborativo de debate sobre a valorização da cultura afro-brasileira. O

¹ Trabalho apresentado na IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, email: samrochha@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), email: rostand@servidor.uepb.edu.br

conteúdo é publicado no perfil do projeto no Instagram⁴ e no blog no Medium⁵, sendo produzido por alunos do curso de jornalismo da UEPB. Apresentaremos neste trabalho um relato de experiência das atividades promovidas pelo projeto no período de 2021 e 2022, caracterizado pela adaptação ao formato das atividades remotas e, posteriormente, a retomada as oficinas presenciais em escolas públicas.

Perspectiva teórico-metodológica

O “Luz Negra” está estruturado a partir da metodologia educomunicativa (SOARES, 2014) com foco não apenas nos produtos a serem obtidos, mas, principalmente, com os processos de aprendizagem e troca de conhecimentos envolvidos em sua execução.

As questões relativas à valorização da autoestima e da percepção da identidade negra como um processo de construção do reconhecimento da negritude são centrais para o desenvolvimento do projeto. São temáticas discutidas por Neusa Santos Souza (1983), em sua pesquisa sobre os conflitos emocionais da experiência de negros no processo de ascensão social, onde são impelidos a adotar o padrão “branco” como modelo, afastando-se da própria imagem e origem. Branco e negro não se refere-se apenas a cor da pele, mas aos significados sociais que são atribuídos a partir do estabelecimento dessa distinção. “raça aqui é entendida como noção ideológica, engendrada como critério social para distribuição de posição numa estrutura de classes” (SOUZA, 1983. p. 20).

A autora demonstra como os estereótipos e mitos construídos em torno do negro no Brasil reforçam imagens negativas, fazendo com que a negritude seja percebida como algo negativo. Essa percepção baseia-se num ponto de vista branco, mas, segundo a autora, também são assimilados pelos negros, fazendo com estes percebam-se a partir de avaliações autodepreciativas. Essa imagem negativa e ou pejorativa que ainda pesa, infelizmente, sobre o povo negro não é uma questão individual. Trata-se de uma questão social, de uma imagem construída socialmente para manter relações de dominação e exclusão. É uma imagem do povo negro construída pelo “colonizador”, conforme aponta Fanon (2008. P. 44) ao defender que é preciso romper com esses estigmas. “O que nós

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/luznegra.uepb>

⁵ Disponível em: <https://medium.com/luznegra>

queremos é ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial”.

Impacto da pandemia no projeto

Nos anos de 2018 e 2019 o projeto atendeu 4 escolas da rede pública municipal. Para 2020, já havíamos estabelecido conversas para a continuidade das atividades. Mas o planejamento foi interrompido pela pandemia da Covid-19. Nos meses de julho e agosto de 2020 consultamos os gestores das escolas municipais que seriam atendidas pelo projeto naquele ano sobre a possibilidade de realizarmos oficinas no formato remoto, mas a resposta que obtivemos indicava para a impossibilidade de executar as atividades diante das dificuldades de conexão de parte dos alunos e da saturação ao uso de telas que os estudantes estavam apresentando. O projeto foi então interrompido..

Em 2021, o projeto foi redimensionado, adaptando-se ao contexto das atividades remotas e distanciando-se da proposta de intervenção em sala de aula. O foco passou a ser a produção de conteúdo antirracista para as mídias sociais. Após a realização de um processo seletivo, foi formada uma equipe composta por 13 integrantes, sendo uma bolsista e 12 voluntários. Após uma fase de capacitação e planejamento, o projeto iniciou a produção de material jornalístico no período de maio a dezembro de 2021. Ao todo, foram produzidas 26 matérias.

Retomada das ações presenciais e manutenção da presença on-line

Em 2022, apresentamos a proposta de unir as duas versões anteriores do Luz Negra em um só projeto. Retomamos as oficinas presenciais em escolas e mantivemos a produção de conteúdo antirracista para as mídias sociais, atuando simultaneamente em duas frentes. Ampliamos a equipe para um total de 15 pessoas. A produção de conteúdo seguiu o mesmo cronograma do ano anterior, de maio a dezembro. Uma diferença significativa foi a proposta de relacionar o debate racial com as metas dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Estabelecemos uma dinâmica colaborativa de organização do trabalho em equipe, permitindo que discentes extensionistas participem

de todas as etapas do processo: sugestão de pauta, apuração, redação do texto, produção fotográfica, edição e diagramação da matéria no blog do projeto.

Para retomar as oficinas, foi escolhida a Escola Municipal Lafayette Cavalcante, que já estava na previsão em 2020. Por isso, consideramos como prioritário retomar o projeto por lá. Foram escolhidas as turmas do 6º e do 7º ano. Elaboramos uma nova formatação, considerando as mudanças no projeto, o perfil dos novos participantes e o contexto da nova escola. As oficinas foram realizadas entre os meses de outubro e novembro. Os encontros trataram dos seguintes temas: Fotografia, memória e representatividade (encontro 1), Fotógrafos negros no Brasil e representações do negro na mídia (encontro 2) e dinâmica prática (encontro 3).

No decorrer das oficinas, os estudantes foram estimulados a escolherem os temas da produção final. Houve uma divisão de gênero entre as duas turmas. Os meninos demonstraram interesse em tratar de algo relacionado aos esportes, provavelmente estimulados pelo contexto da Copa do Mundo e pelos exemplos de imagens fotográficas sobre o protagonismo de atletas negros exibidas durante as oficinas. Devido à inviabilidade de realizar a cobertura fotográfica de um evento esportivo, optamos por aproveitar o clima da Copa do Mundo para exercitar o gênero retratos (SOUSA, 2004), montando uma estrutura simples de estúdio que permitisse que eles se fotografassem para produção de figurinhas com as imagens dos estudantes.

Já um grupo de meninas da turma do 6º ano sugeriu a produção sobre os diferentes tipos de cabelos, com foco na estética negra. Como as meninas do 7º ano não quiseram seguir a proposta das figurinhas e também não apresentaram outra ideia, sugerimos que a produção sobre a diversidade dos penteados fosse feita em conjunto com as duas turmas.

A produção dos retratos para as figurinhas foi feita da sala de recursos multimídia, cedida pela direção para a montagem do estúdio, com flashes portáteis. Já a produção sobre os cabelos foi feita no pátio, aproveitando-se da existência de um painel relativo às comemorações do Dia da Consciência Negra, usado como cenário. As alterações no cronograma devido ao contexto das eleições impediram que a exposição prevista como culminância do projeto fosse realizada na semana da Consciência Negra. Devido à necessidade de tempo para a seleção e edição das fotografias, a exposição só foi realizada em 13 de dezembro, sendo incorporada à programação de encerramento do ano letivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a limitação estrutural e quantitativo de integrantes da equipe, optamos por atender uma amostra de turmas da segunda fase do ensino fundamental. Levando em consideração que os alunos participantes venham a se tornar multiplicadores do debate sobre a temática do racismo estrutural a partir da socialização do resultado das oficinas. Embora o debate tenha ocorrido de forma fluida, onde os alunos demonstraram interesse pelo conteúdo, a rotina semanal das oficinas acabou sendo prejudicada por causa dos feriados e do empréstimo do prédio para realização das eleições. Ao fim, os alunos puderam por em prática os saberes aprendidos na sala de aula, em atividades lúdicas com a câmera. As crianças se fotografaram de acordo com o tema escolhido por eles, a fim de quebrar os estereótipos negativos que permeiam as pessoas negras e acabam por fragilizar sua autoestima. Contudo, não faz sentido manter a produção fotográfica restrita aos produtores. Por isso, uma etapa fundamental é a socialização dos resultados, com a organização de exposições fotográficas com o material produzido pelos estudantes no ambiente escolar.

Este trabalho teve o intuito de discorrer sobre a metodologia adotada pelo projeto Luz Negra, bem como a experiência obtida através das produções e oficinas. Foram aqui expostos detalhes em relação ao planejamento das atividades e sua realização. A partir dos resultados obtidos, defendemos que o uso de meios de expressão artístico-cultural já presentes no cotidiano dos discentes contribui para promover um espaço mais horizontal de diálogo e permite que os estudantes expressem sentimentos, sensações, valores e dilemas que comumente não são compartilhados por eles nos espaços de educação formal.

REFERÊNCIAS

CARNEIDO, S. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 2011. Disponível em: . Acesso em: 20 de novembro de 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. Rio de Janeiro: Globo, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 19, n.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a 22/06/2023

2, p. 15-26, sep. 2014. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/87468>>. Acesso em: 06 out. 2017.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Neusa Santos. S. **Tornar-se Negro**: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.